

ESCALA DE AVALIAÇÃO

- ★★★★..... Ótimo  
★★★..... Bom  
★★..... Regular  
★..... Ruim  
●..... Péssimo

# FOLHA ILUSTRADA

Tel.: 0/xx/11/3224-7842  
E-mail: ilustrad@uol.com.br  
Fax: 0/xx/11/3224-2284

Serviço de  
atendimento ao assinante:  
0/xx/11/3224-3090

PÁGINA E 1 ★ SÃO PAULO, QUINTA-FEIRA, 13 DE JUNHO DE 2002

CINEMA

## Velhas vozes

“500 Almas”, primeiro longa-metragem do premiado cineasta Joel Pizzini, recria a saga dos índios guatós

JOSÉ GERALDO COUTO  
COLUNISTA DA FOLHA

Num recenseamento realizado pelo Império no século 19, os índios guatós, do Pantanal, somavam cerca de “500 almas”.

Hoje, o número de guatós permanece mais ou menos o mesmo, mas muitos deles estão aculturados, vivendo na periferia das cidades pantaneiras, e não chegam a 30 os que ainda falam a língua da tribo.

Declarados extintos nos anos 60, os guatós foram “redescobertos” graças ao empenho de uma freira, Ada Gambarotto, e de uns poucos etnólogos e linguistas que tentam juntar os cacos de um grande quebra-cabeças para manter vivas essa cultura e essa língua milenares. “500 Almas”, primeiro longa-metragem do cineasta Joel Pizzini, mato-grossense radicado em São Paulo, documenta e discute esse delicado processo de reconstrução da memória e da identidade de um povo.

Um processo, aliás, não isento de ambiguidades e de contradições. A necessidade de sobrevivência no Pantanal, tomado pela propriedade privada, fez com que os guatós, originalmente nômades, reivindicassem e conquistas-

sem um local para se fixar: a ilha Ínsua, no rio Paraguai (MT).

Outra contradição flagrante: para dialogar com a Funai e com a sociedade “branca”, os guatós criaram a figura do cacique, que não existia em sua organização social. Para maior ironia, o atual cacique virou evangélico.

Mais estranho ainda é ver, no filme, a linguista Adair Palácio, branca, pernambucana de Recife, ensinar palavras da língua guatá a membros aculturados da tribo.

Depois de receber um prêmio da Fundação Rockfeller (EUA) para o desenvolvimento do projeto, Pizzini dedicou a “500 Almas” cinco anos de trabalho, entre pesquisa e filmagem. O filme custou até agora cerca de R\$ 800 mil e está em fase de finalização (mixagem, ampliação de super-16 para 35 mm, legendagem).

“500 Almas” deverá ficar pronto até o final do ano, para ser lançado em 2003. “Vamos tentar alguns festivais internacionais, como Berlim, Montreal e Locarno”, disse Joel Pizzini à *Folha*, que teve acesso a uma cópia de trabalho do filme. Como convém a uma obra do cineasta — autor dos inventivos e premiados curtas “Caramujo Flor”, “Enigma de Um Dia” e “Glaucos” —, não se trata pro-

priamente de um documentário, mas de um filme-ensaio, que mistura o registro documental, a encenação com atores e a experimentação audiovisual.

O próprio registro etnográfico não é “puro”. “Fizemos um acordo com os guatós para que se tornassem atores de sua história. Situações foram encenadas a partir de uma rigorosa pesquisa”, explica Pizzini. Os índios foram filmados na ilha Ínsua e na periferia de cidades como Corumbá (MS) e Cáceres (MT).

Além de Adair Palácio e Ada Gambarotto, dão depoimentos reveladores o pesquisador alemão Richard Haas, do Museu de Antropologia de Berlim, e diversos representantes dos guatós, como o cacique Severo Maguenco e a matriarca Josefina, uma das poucas que ainda se lembram da língua e dos mitos guatós.

Pizzini encenou o julgamento (fictício) do assassinato (real) do líder guató Celso Ribeiro, para expor os vários discursos envolvidos no conflito: o do militar, o do religioso, o do antropólogo, o do fazendeiro, personagens vividos pelo ator Paulo José. Vários guatós falam sobre o crime.

Por fim, Pizzini incorporou ao filme um trecho de “Controvérsia

de Valladolid”, peça de Jean-Claude Carrière. No trecho utilizado, Paulo José, no papel de um legado papal, interroga o missionário Bartolomé de las Casas (Matheus Nachtergaele) sobre a natureza dos índios da América.

Segundo Pizzini, o diretor de fotografia Mario Carneiro “dialogou com as gravuras do francês Hercule Florence”, pioneiro da fotografia que participou da expedição Langsdorff (1825-29).

A trilha sonora de Lívio Tragtenberg, por sua vez, “contrapõe música ocidental (Haendel) com o registro sonoro indígena”.

Pizzini vai reunir o material num CD-ROM “que sirva de referência antropológica e que retorne como material para a nova geração dos guatós, que tenta recuperar a identidade”.

→ LEIA MAIS à pág. E2

TEATRO

Peter Brook fala sobre ‘A Tragédia de Hamlet’, que estreia hoje em São Paulo

..... Pág. E5



Personagem do documentário, que deve ser lançado em 2003



"500 ALMAS"

# Filme mostra as culturas como vasos comunicantes

DO COLUNISTA DA FOLHA

"500 ALMAS" é um filme que não acaba. Não só porque sua estrutura circular (ou, antes, caleidoscópica) despreza o "princípio-meio-e-fim" das narrativas cinematográficas, mas porque, ao transpor as fronteiras do documentário, multiplica as possibilidades de leitura de cada uma de suas imagens.

Um exemplo ao acaso: enquanto se fala, em "off", sobre o mito da torre de Babel e da origem das línguas, uma câmera aérea mostra uma canoa solitária no rio, lentamente saindo de quadro, e em seguida casas e telhados de uma cidade. Um jogo audiovisual que faz pensar na aculturação do índio na babel urbana, em que sua língua, antes isolada, mistura-se com inúmeras outras.

Em outra passagem, contrapõem-se, em montagem paralela, cenas do clássico mudo "Os Nibe-

lungos", de Fritz Lang — em especial o banho de Siegfried numa cachoeira, para "fechar o corpo" — com imagens da mata brasileira, induzindo a uma associação entre os mitos de origem daqui e os de além-mar.

Mas essa é apenas uma das faces desse estimulante ensaio. Há um aspecto mais propriamente informativo, de documento etnográfico, que assume em alguns momentos o primeiro plano.

As passagens mais marcantes são aquelas que misturam, de modo aparentemente "natural" (com grossas aspas), as várias camadas do filme: a documental, a conceitual e a poética.

Numa delas, por exemplo, uma anciã guatú, Dona Negrinha, se emociona ao lembrar uma cantiga de ninar que julgava esquecida. Em outra, a linguista Adair Palácio conta nos dedos os números na língua guatú junto com outra matriarca da tribo, em imagem contraposta à de crianças de ori-

gem indígena aprendendo a contar (em português) numa escola da cidade.

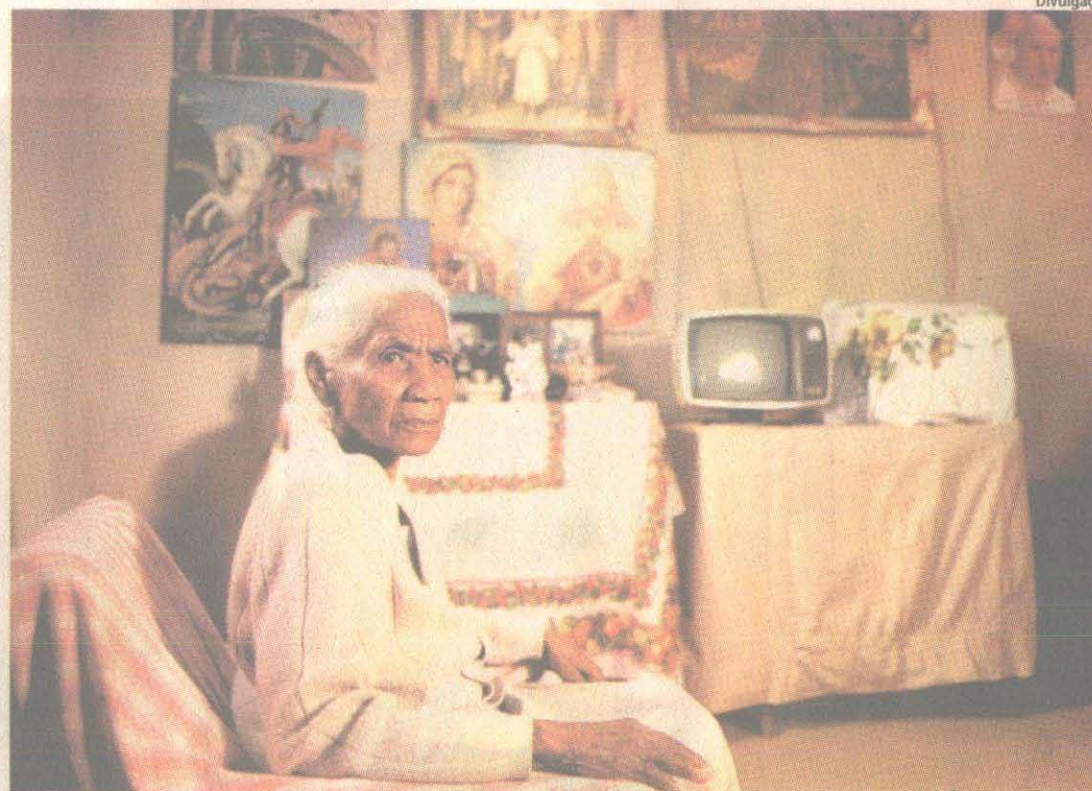
A duração dos planos distende-se ao retratar cenas do cotidiano (como a de um homem que raspa as escamas de um peixe segundo uma técnica milenar) e se comprime ao aproximar signos, culturas, mitologias.

As associações de idéias, relatos e imagens se encadeiam umas nas outras. O perfil de um índio na chuva, na contraluz, enseja a narração por uma etnóloga, em "off", da lenda do feiticeiro da água. Em seguida, uma velha guatú diz que viu o feiticeiro uma vez, com seu cachimbo que não se apagava ao mergulhar no rio.

Já não se sabe o que é lenda indígena e o que é "causo" caboclo. As culturas se sobrepõem e interpenetram, como as águas dos rios. É esse fluxo que "500 Almas" capta e transmite. Por isso é um filme que não tem fim.

(JOSÉ GERALDO COUTO)

Divulgação



Cena de "500 Almas", primeiro longa-metragem de Joel Pizzini, que retrata índios brasileiros

INSTITUTO  
SOCIABILIDADE  
Acervo  
ISA

Documentação

Fonte: FSP (Ilustrada)

Data: 13/6/2002 Pg. 32

Class.: 28 (cont.)